

Feminismos latino-americanos e afrocentrados na televisão: uma análise da série Encantado's ¹

Denise Aristimunha de Lima²

Alice Karen Oliveira³

Mérli Leal Silva⁴

Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Resumo

Este artigo analisa como o feminismo latino-americano e negro se manifesta na série de humor "Encantado's", da TV Globo. Com uma abordagem qualitativa e afrocentrada, a pesquisa investiga as perspectivas de gênero e os elementos da cosmovisão Yorubá presentes na narrativa, seja em sua preservação ou resignificação. O estudo utiliza um referencial teórico que questiona os paradigmas ocidentais de gênero e conhecimento, incluindo obras de Oyěwùmí (2021), Sodré (2017), Gonzalez (1988, 2020) e Collins (2019). O corpus de análise foi constituído de cenas do oitavo episódio da terceira temporada, com ênfase na personagem Olímpia, suas dinâmicas de poder, corporeidade e ancestralidade. A pesquisa revela a força da série em criar uma estética e ética feminista negra, profundamente conectada aos territórios periféricos e às espiritualidades africanas.

Palavra-chave: Feminismo negro; Afrocentricidade; Televisão; Gênero; Encantado's.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar como o feminismo latino-americano e negro se manifesta na produção audiovisual Encantado's, série de humor exibida pela TV Globo. A narrativa chama a atenção pelas relações de gênero engendradas no

¹ Trabalho apresentado no GP02 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Publicidade e Propaganda da Unipampa e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC), e-mail: deniselima@unipampa.edu.br, integrante do projeto de pesquisa Afrotelas: raça e gênero no audiovisual.

³ Graduanda do curso de Publicidade e Propaganda. E-mail: alicekaren.aluno@unipampa.edu.br, integrante do projeto de pesquisa Afrotelas: raça e gênero no audiovisual.

⁴ Professora do curso de Publicidade e Propaganda da Unipampa, Educomunicadora Popular, em cooperação técnica no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Viamão. E-mail: merlileal@gmail.edu.br, integrante do projeto de pesquisa Afrotelas: raça e gênero no audiovisual.

cotidiano da periferia carioca, revelando tensionamentos e resistências em torno da construção de identidades.

A partir de uma abordagem qualitativa e de inspiração afrocentrada, a análise busca identificar as perspectivas de gênero presentes na série, bem como os pressupostos da cosmovisão Yorubá que são preservados ou ressignificados.

O referencial teórico é composto por autoras e autores que problematizam os paradigmas ocidentais de gênero e de conhecimento, como Oyěwùmí (2021), Muniz Sodré (2017), Lélia Gonzalez (1988, 2020) e Patricia Hill Collins (2019).

A metodologia adotada envolve a análise de cenas selecionadas da terceira temporada da série, com foco na personagem Olímpia e em suas dinâmicas de poder, corporeidade e ancestralidade. A pesquisa aponta para a potência da série como espaço de elaboração de uma estética e ética feminista negra, enraizada nos territórios periféricos e nas espiritualidades de matriz africana. De que maneira a personagem Olímpia, na série *Encantado's*, articula em seu discurso traços de uma mulher amefricana?

A televisão, enquanto veículo de comunicação de massa, exerce influência decisiva na formação de subjetividades e na circulação de representações sociais. A série *Encantado's*, ambientada no subúrbio carioca, constitui um retrato multifacetado — e simultaneamente cômico — das dinâmicas de família, religiosidade, gênero e pertencimento. Partimos da hipótese de que narrativas populares podem constituir terreno fértil para a emergência de epistemologias feministas negras e latino-americanas.

O cenário contemporâneo da dramaturgia demanda enredos contra-hegemônicos, capazes de incluir sujeitos historicamente representados sob o olhar branco. A mulher negra — tradicionalmente enquadrada em “imagens de controle” — tem sua assertividade punida por estereótipos depreciativos, conforme argumenta Collins (2019). Desafiar tais imagens é elemento central do pensamento feminista negro, e *Encantado's* apresenta, nesse sentido, uma história de poder e resistência protagonizada por mulheres negras da periferia. A análise fundamenta-se em Oyěwùmí (2021), cuja crítica à imposição de categorias de gênero ocidentais em contextos

africanos inspira a leitura da série como espaço de ressignificação. Muniz Sodré (2017) amplia essa perspectiva ao discutir formas de conhecimento que escapam à racionalidade eurocêntrica, ressaltando a ancestralidade e a oralidade como matrizes de sentido. Lélia Gonzalez (1988, 2020), ao propor o conceito de “amefricanidade”, evidencia a interseccionalidade das opressões no Brasil, enquanto Collins (2019) oferece a categoria de “matriz de dominação” para articular gênero, raça e classe. Assim, a partir desse arcabouço teórico, investigamos Encantado’s não apenas como entretenimento, mas como dispositivo cultural de disputa simbólica, no qual epistemologias feministas negras e latino-americanas encontram espaço para reimaginar identidades e tensionar hierarquias históricas.

2 Caracterização da série

A série de humor Encantado’s, disponível no Globoplay e exibida pela TV Globo, chega à sua terceira temporada em 2025, consolidando-se como uma produção que celebra a cultura suburbana da Zona Norte do Rio de Janeiro. Com uma identidade marcada por personagens carismáticos e enredos leves, a narrativa acompanha o cotidiano de **Olímpia** (Vilma Melo) e **Eraldo** (Luís Miranda), irmãos que administram dois espaços centrais da vida comunitária: o Supermercado Encantado’s e o Grêmio Recreativo Escola de Samba Joia do Encantado.

Na terceira temporada, composta por onze episódios, o foco gira em torno dos preparativos para o desfile de Carnaval em homenagem ao pai dos protagonistas. Nesse contexto, a série explora com sensibilidade temas como a paixão pelo samba, o orgulho carnavalesco, as relações familiares permeadas por conflitos e afeto, e o cotidiano cômico do supermercado, onde interações entre os protagonistas e seus funcionários revelam uma rica teia de vínculos e tensões.

O elenco é majoritariamente composto por atores e atrizes negras, reafirmando o compromisso da série com a representatividade. A protagonista Olímpia e outras personagens femininas são retratadas como figuras potentes de empoderamento da mulher negra. A matriarca Marlene Ponza (Dhu Moraes), bem como a filha, a tia e a cunhada, trazem à tona diferentes vivências de ser mulher negra em um contexto

periférico, revelando disputas por autonomia, reconhecimento e afeto.

A ambientação se concentra majoritariamente no espaço que abriga o supermercado e a escola de samba, funcionando como um microcosmo da vida no subúrbio carioca. A Zona Norte do Rio de Janeiro é mais do que pano de fundo: é personagem viva da série, com sua linguagem, ritmos, valores e contradições. Apesar de adotar o tom da comédia, *Encantado's* articula humor e crítica social, revelando rivalidades, dilemas cotidianos e formas criativas de resistência e solidariedade. No centro da narrativa, estão as conexões humanas e comunitárias que sustentam a trama com leveza, afeto e potência.

3 Metodologia

Este trabalho traz como conceito operador para a análise a categoria político-cultural de amefricanidade (Gonzalez, 1988; 2020). A categoria amefricanidade funciona como uma chave para expandir as interpretações de caráter territorial, linguístico e ideológico que comumente demarcam as identidades negras brasileiras: “o termo amefricanas/amefricanos designa toda uma descendência: não só dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro como a daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo” (Gonzalez, 2020, p.135). Gonzalez revela sua preocupação em manter viva a experiência histórica da diáspora, mostrando que:

embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento (Gonzalez, 2020, p. 135).

Adota-se uma metodologia qualitativa com inspiração afrocentrada, orientada pela perspectiva de que os sujeitos negros são produtores de conhecimento. A análise de conteúdo se concentra em cenas selecionadas da terceira temporada da série *Encantado's*, observando especialmente os elementos que evocam corporalidade, religiosidade afro-brasileira, relações familiares e resistências femininas no cotidiano

periférico. O foco recai sobre como esses elementos são representados de forma a tensionar estereótipos e revelar formas de saber e viver historicamente invisibilizadas.

3.1 Análise de conteúdo

O início dos procedimentos metodológicos se dá com a pré-análise, a partir da escolha dos documentos. Neste artigo, trata-se do oitavo episódio da terceira temporada da série Encantado's (2022): “Bate-bola”, com 31 minutos de duração, disponível na Globoplay. Também neste momento, há a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final, neste caso, serão definidos a partir de traços da identidade afro-latino-americana do feminismo observada nas cenas em que aparece a personagem Olímpia.

Importa ressaltar que no decorrer desta etapa tem-se (1) a leitura flutuante (modo de assistir o episódio, deixando-se invadir por impressões e orientações, conforme o objetivo da análise); (2) a escolha do episódio a ser analisado (a partir de regras para constituição do corpus); (3) a formulação de objetivo (já descrito na introdução do artigo); (4) a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores; e (5) a preparação do material.

Após a leitura flutuante, utilizou-se a regra de representatividade para seleção de algumas cenas, as quais foram dispostas em categorias: corporeidade, liderança feminina, ancestralidade e resistência, construídas a partir da referenciação dos índices e da elaboração de indicadores.

Quadro 1 - Cenas classificadas em três categorias de análise.

Minutagem	Corporeidade	Liderança Feminina Negra	Ancestralidade
05'51''			x
12'19''	x		
14'12''		x	
19'41''		x	

Fonte: elaborado pelas autoras.

A exploração do material é apresentada através da descrição das cenas, mostrando aspectos do discurso de Olímpia, que se conectam com os traços de um feminismo afro-latino-americano. E o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação são realizados em conjunto, para chegar ao objetivo deste artigo que é a identificação dos traços de um feminismo afro-latino-americano no discurso da personagem Olímpia.

4 Análise das cenas

Neste capítulo, debruçamo-nos sobre a análise do oitavo episódio da terceira temporada de Encantado's, intitulado "Bate-bola". A partir das categorias de análise ancestralidade, corporeidade e liderança feminina negra, e em diálogo com o referencial teórico-metodológico apresentado, examinamos como a personagem Olímpia encarna e discursa sobre um feminismo negro e amefricano.

4.1 Ancestralidade

A primeira cena analisada ocorre no início do episódio e estabelece um dos pilares da narrativa do mesmo: a presença da religiosidade na vida de Olímpia. Na cena, Olímpia esbarra na cantora Márcia Aguiar (Larissa Luz) em um terreiro e ao reconhecê-la demonstra admiração e logo questiona sobre ela ser do "axé", termo utilizada para se referir a religião de matriz africana, o toque de humor permanece, pois Márcia Aguiar é uma cantora do ritmo axé.

A ancestralidade, nesta trama, manifesta-se de forma explícita e funcional através da presença de Olímpia e outros personagens no terreiro.

Figura 1: Encontro de Olímpia e Márcia Aguiar no terreiro.



Fonte: Globoplay (17 jun. 2025).

As reflexões de Oyěwùmí (2021) versam sobre a permanência ancestral. Toda a cena ocorre no ambiente do terreiro, mostrando a espiritualidade de Olímpia, que é reforçada por jogos de imagens que simbolizam a ancestralidade no decorrer do episódio. A ancestralidade da personagem também está presente no nome do seu mercado, Encantado's, que traz uma referência mística e religiosa.

Olímpia contempla a mulher amefricana, que preza por sua ancestralidade e está atravessada por seu gênero, sua classe e raça. Lélia Gonzalez (1988, 2020) identifica a preservação de filosofias e práticas africanas como um pilar da identidade e da resistência negra nas Américas.

4.2 Liderança feminina negra

Esta categoria aborda a liderança que rompe com estereótipos subalternizados das mulheres negras, inspirada nas teorias de Patricia Hill Collins (2019) sobre “matriz de dominação” e “ponto de vista da mulher negra”. Na segunda cena a ser analisada, Olímpia está discutindo com seu irmão sobre sua perturbação dentro de seu mercado, onde iria ocorrer o ensaio da cantora Márcia Aguiar. Para que tudo ocorresse bem Olímpia usa de sua liderança e impõem, no contexto humorístico, que o irmão deixe o

local.

Figura 2: Olímpia discute com o irmão no supermercado.



Fonte: Globoplay (17 jun. 2025).

Durante todo o episódio vemos Olímpia liderar as decisões e tomar as rédeas de seu negócio. A personagem foge dos padrões das imagens de controle, uma vez que está a frente de um supermercado, sustento da família, além de se manter como uma voz potente e com respeito dentro do contexto periférico e marginalizado. A liderança matrifocal de Olímpia é evidenciada em sua capacidade de conectar diferentes esferas da vida comunitária, articulando o sagrado, o comercial, o artístico e o familiar.

4.3 Corporeidade

Olímpia é sinal de liderança e quando falamos em corporeidade é visível sua presença forte dentro do mercado, local com foco durante todo o episódio. Na terceira cena, podemos observar Olímpia chegando e conferindo se tudo está em ordem para que a passagem de som ocorra. Ela transita pelo local enquanto faz essa checagem, colocando-se em uma posição central.

Figura 3: Olímpia checando se tudo está pronto para a passagem de som.



Fonte: Globoplay (17 jun. 2025)

Patricia Hill Collins (2019) argumenta que o corpo da mulher negra é como um local de resistência. Olímpia usa seu corpo para impor limites ao seu irmão e como autoridade para tudo que seja necessário. A energia que ela emana não é de violência, mas de uma autoridade inabalável e fortalecida por sua clareza espiritual e racional.

Desafia-se, assim, a visão ocidental do corpo como algo a ser controlado ou disciplinado; para Olímpia, o corpo é uma ferramenta de poder e de execução da justiça comunitária. É a corporificação da liderança: a transformação da sabedoria ancestral em uma ação assertiva no mundo material. A série apresenta personagens femininas complexas, que atuam como lideranças em seus territórios e praticam religiosidades de matriz africana. A tensão entre o humor e a crítica social é constante, permitindo a inserção de temas como o racismo, o machismo e a violência institucional em uma linguagem acessível e popular. A personagem expressa formas de agenciamento feminino que rompem com o modelo ocidental de gênero, ao mesmo tempo em que reafirma uma corporeidade e espiritualidade negra.

5 Considerações Finais

Encantado's é um exemplo significativo de como a televisão aberta pode ser um espaço de produção de narrativas feministas negras e latino-americanas. Ao mobilizar humor, oralidade e espiritualidade como formas de resistência, a série contribui para a construção de uma pedagogia audiovisual afrocentrada, capaz de disputar sentidos e visibilizar existências historicamente marginalizadas. Por meio de três lentes — ancestralidade, liderança e corporeidade —, “Bate-bola” revela a tessitura de um feminismo negro que reconcilia espiritualidade e ação material. A trajetória de Olímpia reafirma que narrativas populares podem funcionar como dispositivos contra-hegemônicos, capazes de ressignificar hierarquias de gênero, raça e classe na dramaturgia televisiva brasileira.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1988, (92/93): 69-82, jan./jun.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Organizado por Flavia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.